

1. Introdução

Esta pesquisa parte de nosso interesse na herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia¹ e seu desdobramento na Igreja ao longo da história. Trata-se de um carisma contemplativo-apostólico² que deu origem a dois institutos religiosos fundados no século XIX, a saber, as Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus (1887) e os Padres Rogacionistas do Coração de Jesus (1897). Ambos os institutos foram fundados com o intuito de levar adiante o carisma que o Espírito suscitou no fundador, isto é, rezar pelas vocações, propagar tal oração e oferecer-se como operários à messe do Senhor.³ A origem do carisma é bíblica, “*Rogate Ergo Dominum Messis Ut Mittat Operarios In Messem Suam*” (Mt 9,38), e encontrou raízes apostólicas na sensibilidade eclesial e social de Aníbal Maria Di Francia que intuiu ser esse um “segredo de salvação”⁴ para a humanidade.

A palavra “Rogate”, expressão oriunda do latim, traduz o pedido de Jesus para que seus discípulos peçam a Deus os bons operários para o mundo, como se pode ver nos evangelhos de Mateus 9,35-38 e Lucas 10,1-10. O Rogate é a expressão do olhar misericordioso de Cristo frente aos sofrimentos de seu povo. É o clamor das multidões que se eleva ao Pai, ao Eterno Ouvinte, que vem em socorro dos seus filhos(as) por meio dos bons operários(as) que Ele mesmo suscita. Rezar e viver pelas vocações é o empenho carismático daqueles e daquelas que se consagram ao Senhor nos Institutos fundados por santo Aníbal Maria Di Francia. Nessa pesquisa nos dedicaremos a aprofundar a herança espiritual-carismática das Filhas do Divino Zelo a partir dos escritos de santo Aníbal Maria, do que já se escreveu sobre ele e sobre o seu carisma.

¹ As notas de rodapé referentes aos escritos de santo Aníbal Maria serão apresentadas de três maneiras diferentes, conforme aparecem na bibliografia: os escritos online, que se referem ao material que tivemos acesso por meio de arquivo digital (Scritti, online); os escritos datilografados, que correspondem aos que se encontram no arquivo geral do Centro de Estudos das Filhas do Divino Zelo em Roma (Scritti); e, por fim, os escritos impressos pela Editrice Rogate de Roma (Scritti – seguido do subtítulo da obra). Além dessas fontes, indicaremos quando se trata de fontes primárias, que ainda não vem editadas.

² DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 2, p. 151 passim.

³ As Constituições das Filhas do Divino Zelo, em seu n. 4, explicita a missão proveniente do carisma fundante de Aníbal Maria Di Francia: “a) orar cotidianamente para que o Senhor envie os operários do evangelho; b) propagar sempre este espírito de oração e promover as vocações na Igreja; ser “boas operárias” do Reino, tornando-nos disponíveis, com o dom de toda a vida, para a promoção humana e a evangelização dos pequenos e dos pobres”.

⁴ ROGACIONISTAS, Antologia Rogacionista, p. 443.

A oração pelas vocações tornou-se universal na Igreja, principalmente a partir da instituição do Dia Mundial de Oração pelas Vocações estabelecido por Paulo VI no ano de 1964. Nesta ocasião, as fundações de santo Aníbal Maria já haviam se propagado por diversos países, expandindo-se para além das terras europeias. Atualmente o Instituto das Filhas do Divino Zelo encontra-se nos cinco continentes, e vem dedicando-se à construção do Reino, por meio da propagação do carisma fundacional e das obras socioeducativas realizadas pelas religiosas. Trata-se de um Instituto Religioso, com mais de cem anos de fundação e que, certamente, oferece à Igreja uma significativa contribuição na antecipação do Reino que se faz no “já” da história com vistas à sua definitividade.

No entanto, como em outros Institutos Religiosos⁵, o Instituto das Filhas do Divino Zelo, além de ser acometido pelo envelhecimento de seus membros, sofre com a diminuição de vocações, vindo-se necessitado de redesenhar sua presença e atuação nos variados países onde se encontra.⁶ É um dado real na Igreja o número de Institutos Religiosos que desaparecem, ou que, para a própria sobrevivência, buscam diversas parcerias e junções. Diante dessa realidade, destacamos o pronunciamento do Papa Francisco, que ocorreu durante a audiência de 28 de janeiro de 2017 com os participantes na Plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica:

O tema que escolhestes é importante. Podemos dizer que neste momento a fidelidade é posta à prova; as estatísticas que examinastes demonstram-no. Estamos diante de uma “hemorragia” que debilita a vida consagrada e a própria vida da Igreja. Os abandonos na vida consagrada preocupam-nos. [...] Se a vida consagrada quiser manter a sua missão profética e o seu fascínio, continuando a ser escola de fidelidade para os próximos e para os distantes (cf. Ef 2, 17), deve manter o vigor e a novidade da centralidade de Jesus, o fascínio da espiritualidade e a força da missão, mostrar a beleza do seguimento de Cristo e irradiar esperança e alegria.⁷

Referindo-nos as fundações de santo Aníbal Maria Di Francia, esse fato remete a alguns questionamentos: Terá o carisma perdido seu valor? Faz-se necessária uma releitura da realidade para ressignificar a herança espiritual-

⁵ Sobre esse tema sugere-se a leitura do artigo “Entenda porque o número de religiosos vem diminuindo no mundo”. Disponível em <http://noticias.cancaonova.com/mundo/entenda-porque-o-numero-de-religiosos-vem-diminuindo-no-mundo/>. Acesso em 19/03/2017.

⁶ Cf. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Atti del XII capitolo generale, Roma [s.n.], 2016.

⁷ FRANCISCO, PAPA, Audiência com 100 participantes na Plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, em 28 de janeiro de 2017, disponível em http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170128_plenaria-civcsva.html, acesso em 19/03/2017.

carismática do Instituto? Teria a vivência carismática se distanciado de algum de seus elementos fundantes? A trajetória do Instituto, principalmente com bases em sua última assembleia geral, mostra que essas questões vêm sendo debatidas por seus membros, no intuito de manter vivo o carisma em meio a Igreja. Essa realidade desperta nosso interesse por uma pesquisa que, de alguma maneira, possa colaborar com a vida religiosa e com toda a Igreja.

Buscando as origens da espiritualidade e do carisma de santo Aníbal Maria, percebemos elementos teológicos e devocionais em seus escritos que favorecem um diálogo com a espiritualidade teresiana⁸. Por isso, partindo do próprio fundador, acreditamos na possibilidade de iluminar a espiritualidade e o carisma das Filhas do Divino Zelo com os elementos da espiritualidade de santa Teresa de Jesus, que apresentam a oração como alicerce para a vida pessoal e para a missão. Santo Aníbal Maria, mesmo como sacerdote diocesano na Igreja de Messina/Itália, sentiu-se atraído à vida contemplativa, especificamente carmelita. No entanto a Vontade de Deus para sua vida foi outra: dedicar-se ao carisma do Rogate e as suas fundações. Contudo, não deixou de lado os elementos dessa espiritualidade em sua ação apostólica. Conforme vemos na narrativa de T. Tusino, um de seus mais diretos colaboradores, santo Aníbal Maria cultivou em si o desejo pela vida carmelita:

Vimos que o Padre desejou para suas irmãs o hábito marrom, para colocar o seu nascente Instituto sobre a particular proteção da Santíssima Virgem do Carmelo. Mas esta proteção ele a desejava antes de tudo para si; e assim nutriu, por muitos anos, o pensamento de poder finalmente um dia passar para a Ordem Carmelita. [...] Leiamos entre os seus escritos: “Dia 27 de dezembro (festa de São João Evangelista) de 1893, quarta-feira, depois de celebrar a Santa Missa, cresce em meu espírito, com alegria, o desejo de fazer-me carmelita descalço, depois da inauguração da Pia Obra e da entrega da mesma a um eleito” (DI FRANCA, A. M., Scritti, v. 61, p. 36).⁹

Impossibilitado de tomar tal decisão, pelo compromisso que tinha de levar adiante suas obras, inscreveu-se na Ordem Terceira Carmelita. Em suas orações à Virgem do Carmelo dava especial ênfase ao desejo de ingresso na Ordem, em busca de sua própria conversão. Veja-se:

⁸ As citações às obras de Santa Teresa serão feitas seguindo a forma clássica, ou seja, capítulo e parágrafo, não constando a indicação da página, para que todos os leitores possam encontrar o texto em sua própria edição. Chamamos atenção para as referências a Castelo Interior ou Moradas: nas citações correspondentes a esta obra, antes do capítulo virá o número da morada de onde foi extraído o texto citado.

⁹ TUSINO, T., *Memorie biografiche*, v. 2, p. 87-88. Tradução nossa [TN].

E faça, oh Santa Mãe, que o meu ingresso na Ordem Carmelita seja finalmente o princípio de minha radical e íntima conversão, com a *perfecta aversio a creatura et conversio ad Dominum*; e que eu consiga finalmente na Ordem Carmelita, atribuído ao número de seus prediletos filhos e servos, aquela veraz e suspirada conversão que ainda por malícia não tenho: a obtenha por triunfo de vossa materna graça no meu espírito, com verdadeira emenda e redenção de todo o meu passado, com verdadeira iluminação do intelecto, com verdadeira reforma do coração, com verdadeira renovação da vontade.¹⁰

Partindo deste peculiar aspecto da espiritualidade de santo Aníbal Maria e diante das diversas questões que emergem frente a vitalidade de sua espiritualidade e carisma, elegemos a seguinte pergunta: Como a vida religiosa consagrada apostólica, em especial o Instituto das Filhas do Divino Zelo, pode ressignificar sua herança espiritual-carismática e prosseguir em sua missão na Igreja? Cremos que diversas reflexões podem surgir mediante essa pesquisa, no entanto, buscaremos nas próprias origens espirituais-carismáticas do fundador aspectos teológico-espirituais, que possam colaborar com o desenvolvimento de nossa hipótese.

Com o problema posto, estabelecemos a seguinte hipótese: não seria a mística teresiana uma possibilidade para a ressignificação da herança espiritual-carismática das Filhas do Divino Zelo? Em torno a esta hipótese principal, surgem as hipóteses secundárias. A mística, entendida em sua inseparabilidade entre vida de oração e vida apostólica, poderia ser a chave de leitura para a hipótese que se deseja delinear com esta pesquisa? A oração, a configuração a Cristo pela contemplação de sua Sagrada Humanidade, a espiritualidade esponsal e o apostolado de Teresa de Jesus, poderiam ser os elementos da espiritualidade teresiana a iluminar este percurso? Podem ser esses aspectos da mística teresiana alicerces nas origens espirituais-carismáticas das fundações de Aníbal Maria Di Francia e que mereçam ser resgatados, como força revitalizadora do mesmo carisma?

É diante da realidade pessoal de santo Aníbal Maria de assumir para sua vida a espiritualidade carmelita, que vemos a possibilidade de encontrar em Teresa de Jesus os elementos necessários para a ressignificação espiritual-carismática do Instituto das Filhas do Divino Zelo. Acreditamos que, pelo revigoramento espiritual-carismático, pautado na vida de contemplação e caridade de cada consagrada, o próprio Instituto será revigorado em sua missão apostólica.

¹⁰ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 61, p. 18; TUSINO, T., Memorie biografiche, v. 2, p. 89. [TN]

Nesse caminho apontamos para a oração como elemento indispensável para a experiência pessoal com Cristo, o único a fazer com que a missão não se torne mero altruísmo religioso.

Seguindo os ensinamentos de Teresa de Jesus, compreendemos que a oração é a porta de entrada para aqueles(as) que almejam o encontro com a verdade que liberta e permite o encontro com Cristo. Neste processo, as fragilidades humanas tornam-se evidentes, a compreensão do próprio “nada” traz àquele(a) que ora a humildade necessária para depositar em Deus todas as suas esperanças. Aquele(a) que compreende-se miserável e infinitamente necessitado da misericórdia de Deus¹¹, que experimenta seu amor incondicional, por graça, tem sua liberdade liberta para amar a Deus e amá-Lo nos semelhantes. Conformer-se a Cristo torna-se então sua meta, seu projeto de vida. O olhar sobre a humanidade se torna um olhar compassivo e misericordioso; o olhar sobre si mesmo, será sempre mais verdadeiro, o que ajudará a acolher as próprias impotências e reconhecer que vem de Deus todas as graças, inclusive aquela de permanecer despertando vocações para a Igreja.

Assim, pela experiência e reconhecimento do próprio “nada”, de que verdadeiramente “tudo é nada”¹², aquele(a) que pede a Deus pelas vocações, o faz pela verdadeira consciência de suas fragilidades e impotência diante das necessidades da Igreja e do mundo. Vê em Deus a única fonte de salvação para toda a humanidade e faz da própria existência oração e súplica pelos “bons operários para a messe”. A oração de petição torna-se a expressão da experiência de aniquilamento feita por quem ora e que compreende estar em Deus o único sentido da existência, a alegria única e verdadeira, a razão do viver e do morrer de toda a criatura. Contemplar a face de Deus torna-se sua meta e, configurado a Cristo, torna-se capaz de afirmar: “[...] daria mil vidas para a salvação de uma única alma”.¹³

¹¹ Sobre essa temática sugere-se FRANCISCO, PAPA. Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015. Bem como as diversas homilias, discursos e mensagens do Papa Francisco, por ocasião do Ano Santo da Misericórdia, disponíveis em: <http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>.

¹² Cf. SANTA TERESA, *Caminho de perfeição*, 21,1.

¹³ Cf. *Ibid.*, 1,2. Também fazemos memória de Aníbal Maria Di Francia que ao exortar seus religiosos diz: “Não fiquéis indiferentes com a perda de uma única alma, porque uma única alma custa todo o sangue de Cristo e lhe é tão preciosa como todas as almas reunidas”. ROGACIONISTAS, *Antologia Rogacionista*, p. 481; FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Costituzioni*, 9.

O amor que está no centro da espiritualidade teresiana,¹⁴ que moveu santa Teresa em toda a sua existência, que a colocou em prontidão para viver sua missão, para levar adiante a reforma necessária na vida carmelita, foi o mesmo que moveu santo Aníbal em sua vida e permitiu que levasse adiante o Rogate e suas fundações. Ambos encontraram em Cristo a razão de suas vidas e toda ação apostólica nasce do encontro com o Divino Amigo. Não foram movidos por um altruísmo sócio religioso, mas pela fé, esperança e caridade. Em Teresa, a contemplação da Humanidade de Cristo está na base de sua ação¹⁵, em Aníbal a contemplação do Cristo peregrino e compassivo, apresentado pelos evangelhos, é fonte e origem de sua espiritualidade e carisma fundacional.¹⁶

Nesta dinâmica, nem mesmo a oração de petição, aquela que se faz pelas vocações, pode ser verdadeira se não nasce de uma experiência profunda com o Senhor, que culmine no matrimônio espiritual. Bento XVI nos lembre que: “[...] não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.¹⁷ Enfim, a partir da experiência do encontro com Cristo pela oração, o agir ético faz-se cristão em sua inteireza e a Filha do Divino Zelo, poderá ser em Deus, mistagoga a serviço de Jesus Cristo na oração e vivência pelas vocações na Igreja.

Logo essa pesquisa que tem como objeto material a herança espiritual-carismática de Aníbal Maria Di Francia e assume como objeto formal a espiritualidade de Teresa de Jesus, tendo em vista que tal espiritualidade perpassou a vida de Aníbal e pode apresentar elementos que colaborarão com a ressignificação do carisma no Instituto das Filhas do Divino Zelo e na Igreja. Uma vez que a oração pelas vocações, como dito anteriormente, tornou-se oração eclesial, temos como objetivo iluminar a herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria a partir espiritualidade teresiana, mostrando que a experiência da oração pessoal e de intimidade com Deus, fazem-se necessárias para ressignificar a oração pelas vocações, não permitindo que a ação apostólica proveniente desse

¹⁴ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística e humanização*, p. 49.

¹⁵ Cf. *Ibid.*, p. 45.

¹⁶ Cf. Mt 9, 36-38. Conformar-se a Cristo é base na espiritualidade das Filhas do Divino Zelo, como pode-se perceber em suas Constituições, n. 7: “Nossa espiritualidade [...] se exprime pela configuração com Cristo no seu mistério de união a Deus Pai”.

¹⁷ BENTO XVI, PAPA, Carta Encíclica, *Deus Caritas Est*: sobre o amor cristão, 1.

carisma se torne um mero altruísmo sócio religioso, desprovido de seu fundamento, que é o próprio Cristo.

A oração contemplativa¹⁸ será apresentada como meio seguro de intimidade com Deus, como caminho para o encontro da pessoa consigo mesma diante do Senhor, com sua verdade profunda, que a leva impreterivelmente à humildade do saber-se “nada” fora do próprio Deus. Esse processo de conversão e união com Deus, onde cada religiosa poderá proferir “[...] a quem tem Deus nada falta, só Deus basta”¹⁹, será fonte de reavivamento pessoal e apostólico para cada consagrada, para a vivência espiritual-carismática e para todo o Instituto.

Nessa dinâmica, configurar-se a Cristo e viver com Ele, por Ele e nele, torna-se essencial para ressignificar a herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia, possibilitando que cada religiosa de seu Instituto torne-se contemplativa na ação²⁰, fazendo da própria existência oração vivente²¹ pelos bons operários e atraindo para Deus aqueles(as) que forem pelo próprio Deus suscitados(as).²² Pela vida mística, aquela que se traduz em obras de amor, a Filha do Divino Zelo, assim como Teresa²³, torna-se esposa de Cristo, solidária aos seus interesses e zelosa cuidadora da messe. Tomará para si a humildade, o desapego e o amor²⁴, não apenas como fundamentos da oração, mas como elementos necessários para a vivência espiritual-carismática do Instituto.

¹⁸ Nas Constituições das Filhas do Divino Zelo encontra-se abertura para que a contemplação seja o *modus oranti* das religiosas e faça frutificar suas vidas no cotidiano: “A contemplação assídua deste mistério de amor (de Cristo) nos torna capazes de compreender a compaixão de Cristo em face da humanidade ‘cansada e faminta’, de participar dos sofrimentos íntimos do seu Coração e de trabalhar com zelo e sacrifício pela salvação da messe”. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Costituzioni*, 9.

¹⁹ SANTA TERESA, *Poesias*, 9.

²⁰ Cita-se aqui a passagem em que o fundador escreve para suas religiosas delineando sua espiritualidade: “As Filhas do Divino Zelo [...] têm uma finalidade toda especial, isto é, penetrar no Santíssimo Lado de Jesus, viver dentro do seu Divino Coração, sentir-lhe o amor, desposar todos os seus interesses, compadecer-se de seus sofrimentos, participar dos seus sacrifícios, consolar aquele Divino Coração com a própria santificação e a conquista de almas para ele, especialmente com a obediência àquele divino mandamento nascido do divino zelo do Coração de Jesus, quando disse: ‘A messe é grande, mas os operários são poucos; rogai, pois, ao Senhor da messe para que envie operários à sua messe’. Tudo isto praticarão com as atividades de Marta e de Maria, quer dizer, da vida interior e da vida ativa”. DI FRANCIA, A. M., *Scritti*, v. 2, p. 151; FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Costituzioni*, 7.

²¹ Cf. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, *Costituzioni*, 7.

²² Indica-se aqui a entrevista do Papa Francisco no encontro com os religiosos(as) e sacerdotes de Milão. Na ocasião o Papa recordará que ao discípulo cabe a permanente evangelização, porém, a “pesca” propriamente dita é tarefa de Deus, é Ele quem atrai para si sua criatura. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2017/march/documents/papa-francesco_20170325_milano-sacerdoti.html. Acesso em: 25/03/2017.

²³ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L., *Santa Teresa: mística para o nosso tempo*, p. 40.

²⁴ Cf. SANTA TERESA, *Caminho de Perfeição*, 4,10; 26,29.

O objeto material escolhido para essa pesquisa, a saber, a herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria, conta com inúmeras pesquisas teológicas tendo-a como objeto central de aprofundamento, partindo principalmente dos escritos do próprio fundador. Hoje, ambos os Institutos fundados por Aníbal Maria, colocam à disposição da Igreja e de toda a sociedade uma quantidade significativa de seus escritos, sejam suas orações, regras, discursos, sermões, poesias, cartas, e outros gêneros literários, que registram a pessoa, a espiritualidade, o carisma e as obras deste que, no ano de 2004, foi canonizado por João Paulo II.

No entanto, o recorte que nossa pesquisa se propõe a fazer ainda não foi aprofundado por aqueles(as) que se dedicam a estudar a vida do fundador bem como o seu carisma. Retomar a vida de Aníbal Maria, sob a ótica da espiritualidade teresiana, faz-se uma tarefa árdua, devido à restrita quantidade de escritos que dizem desse seu desejo pessoal de vivenciar e assumir tal espiritualidade. Até o presente, também não existem autores que se dediquem a estudar essa característica espiritual do fundador. No entanto, mesmo com as poucas reflexões feitas acerca da espiritualidade teresiana na vida e nas obras de santo Aníbal Maria, compreendemos que algumas características dessa espiritualidade são fundamentais para a ressignificação da herança espiritual-carismática que o fundador entregou às suas religiosas.

Como citamos acima, Aníbal orienta seus Institutos a aderirem a uma vida apostólica alicerçada na contemplação, em especial na contemplação da vida de Cristo. Sua espiritualidade cristocêntrica, focada na eucaristia²⁵ e na Palavra²⁶, explicita sua adesão a Cristo como princípio e fim de toda e qualquer obra por ele iniciada, dando a compreensão de que toda ação carismática de seus Institutos precisa partir de Cristo e a Ele retornar no amor à humanidade. Uma expressão usada por ele ao dirigir-se a um de seus primeiros colaboradores, F. Vitale, revela a centralidade de Cristo em sua vida: “Enamorai-vos de Jesus Cristo”.²⁷ Trata-se da natural manifestação de uma vida inteiramente a serviço de Deus, expressa no

²⁵ Cf. FIGLIE DEL DIVINO ZELO, Costituzioni, 23.

²⁶ Padre S. Santoro assim testemunhou a “paixão” que Aníbal nutria pela Sagrada Escritura: “Foi apaixonado pela Sagrada Escritura. Floria as suas conversações familiares com passagens bíblicas [...] As suas pregações haviam sempre, embasamento, exemplos, traços bíblicos [...]”. Tradução nossa: “Fu appassionato della S. Scrittura. Infiorava anche le sue conversazioni familiari con passi biblici. [...] Le sue prediche avevano sempre, sfondi, esempi, tratti dalla Bibbia [...]”. PROCESSO INFORMATIVO DI MESSINA, v. 1, foglio 82 v., p. 8.

²⁷ PIGNATELLI, R., Innamoratevi di Gesù Cristo, p. 3. [TN].

serviço à humanidade, fruto de uma pedagogia de santidade vivida no cotidiano, na entrega apostólica, sempre pautada pela contemplação da vida de Cristo. Frente ao testemunho de Aníbal, fazemos memória das palavras do Papa Francisco, na Constituição Apostólica, *Vultum dei quaerere*, ao referir-se à peregrinação humana em busca de Deus:

Esta peregrinação à procura do Deus verdadeiro, própria de cada cristão e de cada pessoa consagrada em virtude do Batismo, torna-se, por ação do Espírito Santo, sequela *pressius Christi*, caminho de configuração com Cristo Senhor, que se expressa com singular eloquência pela consagração religiosa e, de modo particular, pela vida monástica, considerada desde as suas origens como uma maneira especial de atuação do Batismo. [...] Desde o nascimento da vida de especial consagração na Igreja, homens e mulheres, chamados por Deus e d'Ele enamorados, viveram a sua existência totalmente orientados para a busca do seu Rosto, desejosos de encontrar e contemplar a Deus no coração do mundo.²⁸

Percebemos aqui uma possibilidade para o aprofundamento da espiritualidade e carisma de santo Aníbal Maria, isto é, a prática apostólica de seu Instituto só poderá ter sentido se for consequência da contemplação e adesão a Cristo feita por cada religiosa. Não há discordância entre oração contemplativa e vida ativa, em tornar-se místico no cotidiano da história, fazendo da própria ação a visibilidade da experiência contemplativa. A mística, com toda a sua complexidade, a partir da metade do século XX, ainda hoje tem despertado especial interesse.²⁹

Para o cristianismo, tratar de mística significa tratar da inserção da pessoa no *Mysterium* de Cristo³⁰, por meio dos Sacramentos e da escuta da Palavra. É o próprio Deus que, pela Encarnação, revela-se à criatura e a insere em seu Mistério ao enxertá-la no Corpo Místico de Cristo por meio do Batismo. Não estamos tratando de algo que seja privilégio de um ou de outro cristão. Compreendemos que a mística trata da relação e da unidade entre Deus e a pessoa, deste trato de

²⁸ FRANCISCO, PAPA, Constituição apostólica, *Vultum dei quaerere*: sobre a vida contemplativa feminina, 1-2.

²⁹ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L., *Mística, mística cristã e experiência de Deus*, p. 345.

³⁰ Para melhor tratarmos sobre este tema indicamos: SCHILLEBEECKX, E. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994; BERNARD, C. *Introdução à Teologia espiritual*. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 25-39; MARTÍN VELASCO, J. *El fenómeno místico: estudio comparado*. Madrid: Trotta, 1999. HUOT DE LONGCHAMP, M. *Mística*. In: LACOSTE, J. Y. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p.1161-1169. MOIOLI, G. *Mística cristã*. In: DE FIORES, S.; GOFFI, T. *Dicionário de espiritualidade*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1993. p. 769-780. LAGRANGE, G. *Le tre età della vita interiore: la via unitiva dei perfetti; le grazie straordinarie*, v. 4. Roma: Viverein, 2016. p. 339-346. CASTELLANO, J. *Presencia de santa Teresa en la espiritualidade actual*. TERESIANUM, 33, 1982, p. 181-232.

intimidade e amizade que tem seu princípio na decisão de Deus em estabelecer relação com sua criatura:

No testemunho dos místicos, trata-se da revelação de Deus mesmo e de sua comunicação, através de palavras e gestos salvíficos, acolhida mediante a ação do Espírito, que com seus dons aperfeiçoa a inteligência, abrindo os “olhos da mente”. Os místicos atestam, com sua experiência, esta comunhão de Deus com a pessoa, por Cristo, no Espírito.³¹

Ao tratarmos da experiência mística de santa Teresa e de santo Anfbal, não estaremos nos referindo especificamente aos fenômenos místicos ocorridos na vida dos santos em questão, mas da participação de ambos no Mistério Trinitário e dos frutos de caridade que emergem desta relação. Partimos da compreensão de que a mística está totalmente fundamentada na Revelação, que é teologia, que colabora diretamente com a teologia dogmática e utiliza-se dos métodos indutivo e dedutivo para cumprir sua missão e assim podemos afirmar: “[...] quem ensina mística, ocupa-se de teologia, fala a partir da revelação, comunica interiormente algo à Igreja para edificação dos que creem em Cristo”.³² Portanto:

A mística cristã é teologia. É um discurso sobre Deus, tendo por ponto de partida a experiência pessoal do mistério. Este é o acontecimento primeiro, que estimula a reflexão e a narração – sem a experiência não há mística. Assim, do ponto de vista metodológico, a teologia mística é indutiva e dedutiva. Santa Teresa ressalta igualmente que a experiência espiritual dos leitores e uma atitude aberta às possibilidades da ação de Deus no interior humano facilitam a compreensão de seus escritos. A experiência gera, na pessoa que lê a doutrina mística, uma compreensão prévia. Nas palavras de Teresa, “quando não há experiência é assunto difícil de entender”. (1M 1,9).³³

O Concílio Vaticano II valoriza a experiência religiosa e a contribuição dos místicos no meio teológico. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* temos uma base teológica e eclesial que assume a contemplação e a experiência dos mistérios da fé como um carisma dentre tantos na Igreja.³⁴ De acordo com as orientações do Concílio Vaticano II, especificamente na *Lumen Gentium* 5, a experiência mística está intrinsecamente relacionada à perfeição do amor.³⁵ Essa postura eclesial favorece a reflexão acerca das diversas formas de manifestação da experiência mística, uma vez que o amor tem inúmeras expressões na vida cristã.

³¹ PEDROSA-PÁDUA, L., Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus, p. 158.

³² RAHNER, K., La experiencia personal de Dios más apremiante que nunca, p. 311.

³³ PEDROSA-PÁDUA, L., op. cit., p. 157.

³⁴ Cf. CONCÍLIO VATICANO II, Constituição Dogmática, *Lumen Gentium*, 12.

³⁵ Cf. PEDROSA-PÁDUA, L., Mística, mística cristã e experiência de Deus, p. 351.

Expressões vistas na vida e obra de santo Aníbal Maria e de santa Teresa de Jesus. De antemão, podemos dizer que ambos os santos e fundadores, estão unidos pelo Amor que os moveu.³⁶ É dessa maneira que santa Teresa, como mística, colabora com a Igreja: testemunhando sua experiência de fé e sua missão apostólica. “Ela testemunha o mistério de Deus, de Cristo, da graça salvadora, do Espírito Santo. Sua missão eclesial, seu carisma, é ser “testemunha do mistério”, que se auto comunica gerando comunhão, transformação e dinamismos concretos de vida”.³⁷

No entanto, segundo E. Schillebeeckx, mesmo diante de tais possibilidades, é indispensável que as experiências sejam submetidas às críticas, uma vez que essas sempre estão sujeitas a um quadro interpretativo, ou seja, a um conjunto de fatores que influenciam diretamente a experiência de cada sujeito.³⁸ Por mais que a experiência seja imediata do lado de Deus, para o místico será sempre uma experiência mediada.³⁹ Assim sendo, a experiência mística de Aníbal, que se expressou em sua vida pela vivência do carisma do Rogate, mesmo tendo sua legitimidade na Igreja, é ainda hoje aberta à novas contribuições e possibilidades de reavivamento. A experiência mística, regulada pelo Mistério, incorpora o místico na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, impulsionando-o à comunicação do experimentado, o que resulta no testemunho cristão, em todas as suas dimensões, em meio à humanidade. Logo, o carisma do Rogate está fundamentado na experiência de intimidade com o próprio Cristo e na conseqüente conformação a Ele que conduz a um apostolado comprometido com o bem da humanidade.

Mesmo que por um período histórico a mística e a ética tenham sido contrapostas, segundo M. Velasco, não é difícil perceber que os argumentos utilizados são desprovidos de consistência.⁴⁰ Tendo como base o testemunho de muitos místicos, é viável afirmar que a mística suscita na pessoa atitudes éticas que não permitem ser o místico considerado um “ser alienado no mundo”. Neste contexto destacamos santa Teresa de Jesus, que sendo mestra de oração, profundamente atingida pelo encontro com o Transcendente, doa à humanidade os frutos de sua experiência, não apenas em relatos, mas em suas obras e fundações.

³⁶ Também a Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 8, fala da importância da contemplação e da experiência espiritual na transmissão e no enriquecimento da Tradição da Igreja.

³⁷ PEDROSA-PÁDUA, L., Teresa de Ávila, testemunha do mistério de Deus, p. 159.

³⁸ Cf. SCHILLEBEECKX E., História humana, revelação de Deus, p. 34-35.

³⁹ Cf. Id., Los hombres, relato de Dios, p. 120.

⁴⁰ Cf. VELASCO, R. M., El fenómeno místico, p. 459.

É Cristo, e com Ele o Pai e o Espírito, quem atua no crente, e Deus se faz presente no rosto do outro, por isso, a experiência mística faz com que o místico se lance sempre mais em direção a Deus presente no irmão. Segundo a primeira carta de São João, será a experiência da caridade fraterna a autenticar o verdadeiro amor do ser humano para com Deus, bem como a veracidade de suas experiências com o transcendente, pois quem diz “amar a Deus que não vê e não ama o seu irmão é mentiroso”.⁴¹ Sendo assim, a oração pelas vocações que não surge do encontro íntimo com Cristo e com o outro(a), também não é verdadeira, já que esta é missão, é herança espiritual-carismática do Instituto das Filhas do Divino Zelo a serviço do Reino. Tomar para si os interesses divinos⁴² é um projeto para a vida dos que se consagram ao Senhor, rezar como Jesus ensinou é tomar para si os interesses do Mestre.

Mesmo que o místico deseje o encontro definitivo com Deus, conforme relata Paulo ao afirmar que para si morrer é lucro, o compromisso com a diaconia o faz viver o ardente desejo de Deus em meio à humanidade, servindo-a conforme o fez o Mestre.⁴³ Segundo J. Moltmann, “o caminho da experiência mística é na realidade o seguimento de Cristo na resistência contra os poderes que se opõem a Deus, os poderes desumanos da morte”.⁴⁴ Assim, o místico experimenta em seu destino o destino de Cristo, que não pode abster-se da caridade para com a humanidade, manifestada em suas atitudes cotidianas. “A *sapientia experimentalis* mística é sempre ética e mística ao mesmo tempo, uma doutrina das virtudes e

⁴¹ Cf. 1Jo 4,20.

⁴² Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 7,2,1.

⁴³ Lembre-se aqui as palavras de São Máximo: A caridade é a boa disposição do espírito, que nada coloca acima do divino conhecimento. Ninguém poderá jamais alcançar uma caridade permanente de Deus, se estiver preso pelo espírito a qualquer coisa terrena. Quem ama a Deus antepõe o conhecimento e a ciência dele a toda sua criatura. Nele pensa incessantemente com íntimo desejo e amor. [...] Quem me ama, diz o Senhor, guardará meus mandamentos. É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros. Portanto, quem não ama o próximo, não guarda o mandamento. Quem não guarda o mandamento, também não pode amar o Senhor. Feliz o homem que é capaz de amar igualmente todos os homens. Quem ama a Deus, ama também sem exceção o próximo. [...] Quem, verdadeiramente, de coração, rejeita as coisas mundanas e, sem fingimento, se entrega aos serviços de caridade para com o próximo, este, bem depressa liberto dos vícios e paixões, torna-se participante do amor e ciência de Deus. [...] Tu também não digas: “A fé nua, sem mais, em nosso Senhor Jesus Cristo, pode conceder-me a salvação”. Isto não pode ser se não lhe unires também o amor por ele mediante as obras. Quanto à simples fé: Os demônios também creem e tremem. MÁXIMO, Confessor, Dos Capítulos sobre a Caridade: sem a caridade tudo é vaidade das vaidades, p. 606-607.

⁴⁴ MOLTSMANN, J., O Espírito da vida: uma pneumatologia integral, p. 198.

uma busca por experiências [...]. A própria vida é para os místicos, desde Agostinho, o drama do amor a Deus”.⁴⁵

Certamente a experiência mística não se dá fora de um contexto histórico, de um quadro interpretativo e de uma linguagem. Ela se concretiza na vida do místico dentro da história e na história é transmitida. Tendo como pressuposto que o místico cristão é impulsionado a seguir os caminhos de Jesus de Nazaré⁴⁶, é notório que a compaixão pelos mais necessitados seja um dos caminhos a serem assumidos. Jesus, em suas atitudes e ações, manifesta-se plena compaixão e misericórdia.⁴⁷ O Mestre trilha os caminhos da história com o olhar fixo na humanidade, curando-a em todos os males que a aflige. O Nazareno colocou-se a caminho, percorrendo cidades e povoados, pregando, curando, acalentando, enfim, amando e assumindo toda a humanidade.

É necessário que o místico manifeste a capacidade de colocar-se no lugar do outro, de experimentar em seu íntimo as chagas da humanidade ferida, a ponto de ser movido pela compaixão que desinstala e impulsiona para a práxis dos verdadeiros valores cristãos, da verdadeira caridade fraterna. Mas para isso é importante que o místico faça a experiência de sua verdade interior, que o conduzirá à humildade de saber-se mendigo de Deus, necessitado infinitamente de sua misericórdia e, por isso, aberto a viver a misericórdia para com os demais.⁴⁸ Percorrendo os escritos de santo Aníbal Maria, entendemos que em sua experiência orante encontrou a motivação central para o desenvolvimento da compaixão e da misericórdia para com os mais necessitados do *Quartiere Avignone*.⁴⁹

No *Quartiere Avignone*, bairro miserável da periferia da cidade de Messina/Itália, Aníbal Maria Di Francia iniciou seu trabalho apostólico. Antes mesmo de ser ordenado sacerdote mudou-se para esse local e lá viveu seu ministério. O Rogate tomou forma em meio aos mais pobres e miseráveis da sociedade messinense. No *Quartiere*, Aníbal tinha a clareza de que precisava atender às necessidades básicas de seus moradores, para então poder apresentar-lhes Jesus Cristo. Dentre suas atividades, dedicou-se ao cuidado dos órfãos,

⁴⁵ MOLTSMANN, J., O Espírito da vida: uma pneumatologia integral, p. 189.

⁴⁶ Cf. VELASCO, R. M., El fenómeno místico, p. 461.

⁴⁷ Cf. Mt 9,35ss.

⁴⁸ Pode-se aprofundar sobre essa questão na obra de NOUWEN, H. J. O curador ferido. Portugal: Paulinas, 2001.

⁴⁹ Cf. LILA, V., Il Can.co Annibale M. Di Francia e la sua pia opera de beneficenza, p. 11.14.

fundando dois orfanatos no ano 1882-1883. Só mais tarde, em 1887, que dará início ao Instituto Feminino, que também nasceu no *Quartiere* Avignone, em meio aos pobres necessitados dos bons operários do evangelho. Foi entre os últimos da cidade que o Rogate fez-se clamor ao Deus da compaixão e da misericórdia. O Padre, como era conhecido, em seu contexto histórico, foi tomado por grande compaixão pela humanidade. Sentiu-se profundamente tocado pelas necessidades dos miseráveis e, no encontro com Jesus Cristo, contemplou a porção de sua doação à “messe abandonada”.

A experiência mística vivenciada por Aníbal teve influência decisória em seu apostolado, em seu carisma fundacional. Ainda muito jovem deparou-se com a precária situação do povo messinense, assim como da Igreja na Itália. Tinha a convicção de que era necessário fazer algo para melhorar o que presenciava. No entanto, vendo-se limitado, pedia a Deus que abençoasse a Terra com homens e mulheres desejosos e empenhados em fazer com que o mundo se humanizasse segundo a imagem do Filho. Para sua surpresa, durante sua oração na Igreja de São João de Malta, em Messina, ainda antes do sacerdócio, depara-se com a passagem evangélica, onde o próprio Cristo ao ver a multidão teve compaixão e disse: “Rogai ao Senhor da Messe que envie operários para a sua messe”.⁵⁰ Assim Aníbal manifesta-se em relação a oração pelos bons operários:

[...] para realizar o maior bem para a Igreja, para salvar muitas almas, para estender o Reino de Deus sobre a terra, nenhum meio seria tão seguro quanto o aumento dos ministros eleitos de Deus [...] e que ótima e profícua oração seria aquela de pedir insistentemente ao Coração Santíssimo de Jesus que envie sobre a terra homens santos e sacerdotes eleitos.⁵¹

O carisma do Rogate, de rezar para que o Senhor suscite “bons operários” em meio ao seu povo, surge do encontro de Aníbal com o Cristo terno, compassivo e zeloso, bem como com a multidão necessitada, e dá origem à identidade de suas obras. No Rogate está a base de sua ação e o fundamento de sua ética cotidiana. O Rogate tomou corpo em meio ao sofrimento dos pobres de Avignone. Podemos afirmar que, entre os miseráveis da cidade, Aníbal Maria vivenciou a compaixão do Coração de Cristo. Percebeu a miséria de sua gente e a necessidade de que a humanidade compartilhasse o desejo do próprio Cristo: de

⁵⁰ Mt 9,38.

⁵¹ DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 2, p. 143. [TN].

que todos assumissem a vida como dom a ser cuidado e preservado durante todo o seu processo. Deu-se conta de sua impotência mediante o grande número dos que sofriam, e encontrou no Rogate seu caminho de conformação a Cristo e de entrega pelo Reino, como pode-se perceber em suas próprias palavras:

[...] o que são estes poucos órfãos que se salvam, e estes poucos pobres que são evangelizados, diante de milhões que se perdem e que permanecem abandonados como ovelhas sem Pastor? Considerando a limitação de minhas miseráveis forças, e a pequeníssima extensão de minha capacidade, buscava uma saída e a encontrei ampla, imensa, naquelas adoráveis palavras de Jesus Cristo Senhor Nosso: Rogate ergo Dominum messis ut mittat operários in messem suam. Agora me parece ter encontrado o segredo de todas as boas obras e da salvação de todas as almas. Com este conceito predominante, eu considero este Pio Instituto, não tanto como uma simples obra de beneficência, que tem como objetivo salvar alguns órfãos e pobres, mas tendo um objetivo ainda maior e extenso, diretamente voltado a glória divina e a saúde das almas e ao bem de toda a Igreja.⁵²

O agir cotidiano de santo Aníbal Maria é fruto de seu encontro com Cristo compassivo; encontro acontecido na sua vida de oração e entrega à vontade de Deus. Segundo R. Velasco, o místico cristão nunca estará distanciado da vivência ética condizente com os valores cristãos⁵³, ele manifestará ao mundo sua experiência com Deus também em suas palavras e obras. Desta forma, pode-se afirmar que a experiência mística de Aníbal Maria Di Francia, despertou em si profunda vivência dos valores evangélicos em meio aos pobres com os quais convivia, que foi a herança dada a seus colaboradores. Oração, conformidade a Cristo e vida apostólica pautada nos valores evangélicos, formam o mosaico do carisma fundacional de santo Aníbal Maria. Mesmo que não tenha deixado relatos sobre fenômenos extraordinários em sua vida, vemos em sua história traços profundos da experiência mística manifestada em seu cotidiano, pois:

[...] quando alguém se entrega incondicionalmente e essa entrega se vive como uma Vitória [...] Ali está Deus e sua graça libertadora, ali conhecemos a quem nós, cristãos, chamamos de Espírito Santo de Deus, ali há uma experiência que não se pode ignorar na vida [...]. Esta é a mística de cada dia, o buscar a Deus em todas as coisas. Aqui está a sóbria embriaguez do Espírito [...].⁵⁴

Santo Aníbal Maria, pela graça de Deus, fez-se oração vivente pelas vocações, fez-se modelo de “operário na messe do Senhor”. Afirma T. Tusino que, como operário de Cristo, o Padre protege seus filhos, os defende e os guia

⁵² DI FRANCIA, A. M., Scritti, v. 61, p. 170. [TN].

⁵³ Cf. VELASCO, R. M., El fenómeno místico, p. 460.

⁵⁴ RAHNER, K., Experiencia del Espíritu, p. 52-53. [TN].

nos caminhos da vida. Apesar de ter experimentado desde muito cedo a ausência e a falta do afeto de seu pai que falecera e também da mãe que precisou deixá-lo sob os cuidados de uma tia, soube cultivar em seu cotidiano o Amor-Ternura. Chamavam-no “pai” e ele fazia-se verdadeiro pai daqueles que o buscavam e assim o desejava, como se pode perceber pelo testemunho de F. Vitale:

Quanto se comprazia o Padre que as crianças compreendessem que ele era de fato um pai adotivo para eles, e se deliciava ao ser chamado simplesmente de pai! Quando o viam chegar, mesmo depois de breve ausência, se ajoelhavam e diziam: pai, nos abençoe! Os seus olhos brilhavam e sentia-se feliz. Frequentemente, nos momentos de recreação, estava em meio aos meninos ou entre as meninas, para fazê-los alegrar-se com histórias engraçadas e edificantes, com alegria depois de terminar com alguma lição, os deixava manifestar-se com jogos infantis e joviais [...] Em outros momentos entrava nos refeitórios e com grande afeto, transparecendo o desejo de viver de suas vidas, dizia: “Não dareis nada ao vosso pai que é pobre?” Os meninos e as meninas ofereciam os pratos que haviam começado a comer e ele pegava uma colher de um, uma de outro, até deixar pronto o seu prato e comer em meio aos seus filhinhos, que admiravam e alegravam-se em ter o pai entre eles.⁵⁵

Destacou-se na sociedade pela caridade, principalmente aos órfãos e abandonados. Os testemunhos acerca de sua práxis revelam a profundidade de sua experiência mística e são elementos que evidenciam que seu carisma fundacional, recebido como graça, por ação do Espírito Santo, está fundamentado numa profunda experiência de contemplação da vida de Cristo, de conformação a Ele e de entrega misericordiosa a causa do Reino. Em R. Velasco vê-se que:

A *conversio cordis*, a raiz teologal da experiência mística, não só exige mas possibilita a *conversio morum*, a mudança de conduta que envolve a moral. A mística só é compatível com a ação moral, é fonte de fecundidade moral, e impulso moralizador da vida. Por isso, temos observado como o estado teopático, último estado de realização da experiência mística, não move o sujeito a um mundo recôndito de experiências extraordinárias, mas o devolve a vida diária que, novamente centrada pelo exercício da opção teologal, da experiência da fé, as permite viver divinamente, com novo valor, com novo sentido, o todo de sua vida cotidiana. Por isso, o último grau da experiência mística não tira o místico da sociedade e do mundo em que vive. Ao contrário, se consuma em uma transformação do conjunto de toda a vida: assume a forma de uma vida mística na vida cotidiana.⁵⁶

Os frutos da experiência mística de Aníbal Maria permanecem na Igreja e na sociedade através da vida de muitos leigos, religiosos, religiosas e sacerdotes, que prosseguem no seguimento de Cristo pela via do carisma do Rogate. A

⁵⁵ VITALE, F., apud. TUSINO, T., L’Anima del Padre, p. 612. [TN].

⁵⁶ VELASCO, R. M., El fenómeno místico, p. 461. [TN].

caridade fraterna, o apostolado fruto da intimidade com o Senhor, é o que autentica a experiência mística. O místico experimenta em seu destino, o destino de Cristo. É o próprio Cristo, que pela ação do Espírito, quem conduz o místico. É a graça atuando na criatura, atraindo-o por primeiro ao Criador. O Senhor é amado no outro e neste outro a Alteridade por excelência é buscada, assim como testemunhou Aníbal Maria Di Francia. Nesta circularidade, é o próprio Senhor quem ama o outro por meio da pessoa espiritual. É a Luz de Cristo que inunda o outro através da pessoa cristificada.

No presente trabalho, temos de um lado, a herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia, pautado no evangelho, fundamentado pela oração, pela conformidade a Cristo e pelo agir ético que faz de cada consagrada Filha do Divino Zelo oração vivente pelas vocações para a Igreja, e de outro, santa Teresa de Jesus, doutora da Igreja, mestra de oração, que ensina o caminho da oração para todos aqueles(as) que desejam amar a Cristo e com Cristo. Trata-se de um amor que é fruto da experiência mística, do encontro consigo frente ao próprio Deus. Teresa é quem indica o caminho do *Castelo Interior* como local de encontro com Cristo, Caminho-Verdade-Vida, aquele que por primeiro atrai para si a humanidade sedenta de sentido para o próprio existir. Nesta pesquisa ela será apresentada como modelo de vida de oração, mestra que ensina o caminho para aqueles(as) que desejam ser fiéis na busca pela verdade diante de Deus, que farão desse encontro a fonte de toda e qualquer configuração a Cristo e a vivência da própria vocação.⁵⁷

Inúmeras são as citações acerca da oração na vida de Santa Teresa. A oração era para Teresa o maior bem, um tesouro que desejava transmitir aos demais e que não poderia ser subjugado pela pressa do agir⁵⁸; trata-se do exercício do Amor⁵⁹; é caminho de salvação⁶⁰; é íntimo relacionamento de amizade com Deus⁶¹; é muito

⁵⁷ Destaca-se aqui, algumas características referentes a vocação que podem ser encontradas em santa Teresa de Jesus: 1) é graça e eleição: “[...] oh! Irmãs, entendi, por amor de Deus, a grande mercê que o Senhor fez que as trouxe aqui... pois entre as doze quis Sua Majestade que fôsseis um [...]. Foi enorme o favor de me concederdes o estado religioso” (Caminho de Perfeição 8,2); 2) é desejo, é liberdade: “[...] louvo o Senhor por ver o desejo que vossa mercê tem de deixar o mundo, porque tanto desengano só pode vir de cima” (Cartas, 294); 3) alegria: “[...] é tanto o extremo contentamento que tem todas que me parece bem ser sua vocação de Nosso Senhor” (Cartas, 402,1).

⁵⁸ SANTA TERESA, Livro da Vida, 7,10.

⁵⁹ Ibid., 7,12.

⁶⁰ Ibid., 8,4.

⁶¹ Cf. Ibid., 8,5.

amar⁶²; é a porta pela qual se entra no castelo interior⁶³. Aquele que reza e se esforça para chegar a perfeição não vai para o céu sozinho⁶⁴. Teresa deixa claro a necessidade de dar-se a oração com “determinada determinação”, prontos a tudo suportar⁶⁵. Para a santa doutora, são condições para boa oração: a caridade, a humildade e o desapego⁶⁶, enfim, é princípio para alcançar todas as virtudes⁶⁷.

Na espiritualidade teresiana, o encontro com as próprias verdades diante daquele que é “Caminho, Verdade e Vida”, é o princípio da humildade e alicerce indispensável para a oração, para a entrada no “Castelo Interior”, para o encontro com o Senhor. Cristo é para Teresa o livro verdadeiro onde se pode enxergar as verdades⁶⁸, o Senhor é a Verdade⁶⁹. Não hesita em afirmar que, pode mais um ou dois homens que dizem a verdade do que muitos juntos⁷⁰. Para Teresa, amar a Deus é amar senão verdades⁷¹ e a perfeição está em quem melhor agir com justiça e verdade⁷². Em Teresa compreende-se que excelente maneira de meditação é buscar dentro de si a Deus, porque se funda sobre a verdade⁷³ e Deus é a suma verdade e a humildade é andar na verdade⁷⁴.

Quanto a conformar-se a Cristo, destacamos o que Teresa dirá a respeito da oração de contemplação, isto é, que não se opõe a humanidade de Cristo, pois nele está “nosso bem e nosso remédio”:

Devemos pensar nos que, tendo tido corpo como nós, fizeram grandes façanhas por Deus. Deles temos de tratar e nos fazer acompanhar. Que grave engano afastar-se propositalmente de todo o nosso bem e remédio, que é a sacratíssima Humanidade de Nosso Senhor Jesus Cristo.⁷⁵

Essa contemplação é fonte de vida para a missão de todos aqueles que, em nome Deus, fizeram grandes façanhas; que, no encontro com o Senhor,

⁶² Cf. SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas, 4,1,7; Id., Fundações 5,2.

⁶³ Cf. Ibid., 1,1,7.

⁶⁴ Cf. Id., Livro da Vida, 11,4; Id., Castelo Interior ou Moradas, 5,4,6.

⁶⁵ Cf. Id., Caminho de Perfeição, 21,1; Id., Castelo Interior ou Moradas, 2,1,6.

⁶⁶ Cf. Ibid., 4,4.

⁶⁷ Cf. Ibid., 24,3.

⁶⁸ Cf. Id., Livro da Vida, V 26,5.

⁶⁹ Cf. Id., Caminho de Perfeição 19,15.

⁷⁰ Cf. Ibid., 21,9.

⁷¹ Cf. Ibid., 40,3.

⁷² Cf. Id., Castelo Interior ou Modaras, 3,2,10.

⁷³ Cf. Ibid., 3,3,3.

⁷⁴ Cf. Id., Livro da Vida, 10,7.

⁷⁵ Id., Castelo Interior ou Moradas, 6,7,6-7.

encontraram a fonte de seu agir. Tal conformação passa pela adesão a vontade de Deus:

[...] a suma perfeição [...] consiste em estar a nossa vontade em tamanha conformidade com Deus que jamais deixemos de querer com todas as nossas forças tudo aquilo que percebamos que Ele quer, aceitando com a mesma alegria o saboroso e o amargo e compreendendo que Sua Majestade assim o quer.⁷⁶

Ainda apontamos para a conformação a Cristo pelo viés do Amor, centro da espiritualidade teresiana:

O amor, contudo, tem tamanha força, se for perfeito, que desprezamos nosso próprio contentamento para contentar aquele a quem amamos. E é isso, na verdade, o que acontece: por maiores que sejam, os sofrimentos logo se tornam suaves quando sabemos que, com eles, agradamos a Deus. Quem chegou a esse ponto ama desse modo as perseguições, as desonras e as ofensas. Isso é tão certo, tão conhecido e tão claro que não é preciso prosseguir.⁷⁷

O amor é o caminho seguro para nos conformarmos a Cristo e com o apóstolo afirmarmos: “Já não sou eu quem vivo, é Cristo quem vive em mim”⁷⁸. É o próprio Senhor quem atrai para si aquele que habita a alma⁷⁹, aquele que está no interior do castelo, que constitui toda a sua beleza e esplendor. Eis o que afirma santa Teresa:

Falo de considerar a nossa alma como um castelo todo de diamante ou de cristal muito claro onde há muitos aposentos, tal como no céu há muitas moradas. A bem da verdade, irmãs, não é outra coisa a alma do justo senão um paraíso onde Ele disse ter Suas delícias. Pois não achais que assim será o aposento onde um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão pleno de todos os bens se deleita?⁸⁰

É este castelo que Teresa apresenta como habitação necessária, onde está o sentido da existência humana. Nele está aquele que permite a criatura sair do nada e participar de seu próprio Ser. Como Agostinho, Teresa compreendeu que é dentro de si que se esconde o Amado⁸¹:

⁷⁶ SANTA TERESA, Fundações, 5,10.

⁷⁷ Ibid., 5,10.

⁷⁸ Gl 2,20.

⁷⁹ Indicamos algumas bibliografia para melhor compreendermos o significado do termo “alma” em santa Teresa e na doutrina da Igreja: ALVAREZ, T. Anima. In: ALVAREZ, T. Dicionario di Santa Teresa. Roma: OCD, 2016. p. 40-45. E de maneira mais ampla, podemos buscar acerca do conceito da palavra “alma” em: LACOSTE, J.Y. Alma. In: LACOSTE, J.Y. Dicionário crítico de teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p. 94-107. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993. n. 362-364.

⁸⁰ SANTA TERESA, Castelo Interior ou Moradas , 1,1,1.

⁸¹ Cf. Ct 3,1.

Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração... Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio. Tu estavas dentro de mim e eu fora [...].⁸²

Com Teresa vê-se que este é um caminho para todos aqueles(as) que desejam encontrar-se com Cristo e, por ação do Espírito, fazerem-se “novos Cristos” em meio à humanidade. O encontro com a própria verdade perante Deus, o caminho da conformação a Cristo, em Teresa dá-se pela via da oração, pela compreensão do próprio nada, do quão difícil é para a criatura entregar-se a Deus⁸³, do quanto é necessário dar espaço para aquele que é o Tudo. Os que seguem pelo caminho da oração, tornam-se “servos do amor”⁸⁴, e como Teresa, fazem a experiência do próprio aniquilamento, fonte de onde brota a verdadeira humildade. Em seus escritos, não poucas vezes a santa de Ávila afirma sua debilidade, assume suas fraquezas e, deposita em Deus toda a sua confiança. Sua mística apresenta-se “como um caminho espiritual relacional, humanizador e transformador, que integra todas as dimensões da pessoa humana, [...] e a reenvia continuamente a uma existência comprometida com formas mais justas e coerentes de se viver”⁸⁵, sempre fundamentada na graça libertadora de Deus.

A espiritualidade teresiana traduz-se em um processo de humanização que transforma corações, tece novas relações na comunidade e no apostolado e permite a realização da pessoa.⁸⁶ Essa herança espiritual de Teresa enriquece a cultura atual, tão necessitada de atitudes humanas e humanizantes. Podemos dizer que, enriquece a cultura vocacional eclesial, que em primeira mão é convidada a trabalhar a vocação à vida, enfatizando a dignidade de todas as criaturas e sua missão de cuidadoras de toda a criação.⁸⁷ “A espiritualidade teresiana é formadora de “amigos fortes de Deus” para um mundo mais justo e mais humano”⁸⁸, onde o “sim” dado à Vontade de Deus não cai na esquizofrenia de um apostolado dissociado da experiência orante.

⁸² SANTO AGOSTINHO, Confissões, 10,27.

⁸³ Cf. SANTA TERESA, Livro da Vida, 5,1.

⁸⁴ Ibid., 5,1.

⁸⁵ PEDROSA-PÁDUA, L., Santa Teresa: mística para o nosso tempo, p. 9.

⁸⁶ Cf. Ibid., p. 11-12.

⁸⁷ Sobre essa temática pode-se consultar: CENCINI, A. Construir cultura vocacional. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁸⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., op. cit., p. 15.

Entrar em seu próprio “castelo” e nele encontrar o “Rei dos reis” torna-se a alternativa para todos(as) aqueles(as) que almejam encontrar o sentido da própria existência e deixar que por esta existência o Reino vá tomando forma na ação de Deus, que por meio do humano liberto, atrai para si multidões. É Deus quem suscita vocações, chama à vida, encaminha por diferentes serviços e não deixa perecer a Igreja. Mulheres inaltênticas, incapazes de encontrarem-se com a própria verdade diante de Deus, são incapazes de testemunhar a Cristo, são ineficientes no serviço doado, são sinais poucos verídicos em meio a humanidade. Mulheres consagradas incapazes de habitar seu “castelo” e nele encontrar o Rei, são incapazes de conhecer seu próprio nada, não experimentam suas misérias, não conseguem experimentar a dor da humanidade cansada e abatida por tantas mazelas espirituais, psicoafetivas, materiais, dentre outras, e tão pouco serão capazes de uma oração verdadeira, que clame a Deus pelos “bons operários de sua vinha”. “Não é pequena lástima e confusão que, por nossa culpa, não nos entendamos a nós mesmos nem saibamos quem somos”.⁸⁹

A graça deste caminho vem do amor misericordioso de Deus⁹⁰, de seu querer atrair para si sua criatura e, por meio dela, fazer acontecer na história a antecipação do Reino que um dia, nele, será definitivo, como bem lembra Teresa: “para sempre, sempre, sempre”.⁹¹ Entrar no “castelo” é o caminho indicado por santa Teresa para o encontro com Deus e a conformação a Cristo, o que dará novo esplendor à vivência da própria vocação, inclusive aquela de rezar e trabalhar pelas vocações. A santa doutora é clara ao indicar o caminho para que se adentre em tais moradas: a oração!

Pelo que posso entender, a porta para entrar nesse castelo é a oração e reflexão. Não digo oração mental mais do que vocal; para haver oração, é necessária a reflexão. Não chamo oração aquilo em que não se percebe com quem se fala e o que se pede, nem quem pede e a quem pede; por mais que se mexam os lábios, não se trata de oração. E, se algumas vezes o for, mesmo sem esse cuidado, será por motivos que se justificam.⁹²

A oração como intimidade, como trato de amizade com Deus, como encontro valoroso que frutifica em vida para a própria pessoa e para toda a humanidade. Segundo santa Teresa, esta é a porta de entrada para a morada do

⁸⁹ SANTA TERESA DE JESUS, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,2.

⁹⁰ Ibid., 1,1,3.

⁹¹ Id., Livro da Vida, 1,4.

⁹² Id., Castelo Interior ou Moradas, 1,1,7.

grande Rei. Com bases na reflexão teresiana acerca da oração, podemos dizer que a oração da Filha do Divino Zelo que não passa pela real consciência de si e de sua missão, pela intimidade com o Senhor, pela entrega confiante e o amor sponsal, é oração vazia, sem destinatário e conseqüentemente sem correspondência, até porque, no dizer da santa, isso não se trata de oração:

Mas o costume de falar com a Majestade de Deus como se falaria a um escravo, sequer reparando no que se diz, mas apenas repetindo o que se decorou ou se disse muitas vezes, não o tenho por oração. Praza a Deus que nenhum cristão ore dessa maneira! Entre vós, irmãs, espero em Sua Majestade que jamais haja isso, pois vos acostumastes a tratar de coisas interiores, o que é muito bom para não cair em semelhante insensatez.⁹³

As orientações de santa Teresa para suas irmãs servem de maneira extraordinária para aquelas que desejam permanecer fiéis ao carisma de rezar e trabalhar pelas vocações, na fidelidade criativa ao fundador e aos seus ensinamentos: mulheres contemplativas na ação, capazes de se deixarem atrair para o próprio “castelo”, enamorar-se de Cristo, fazer-se “Marta-Maria”, num encontro verdadeiro com o Senhor, para com Ele tratar de suas realidades interiores, tomando para si os sentimentos do Coração de Jesus, fazendo da experiência da misericórdia pessoal uma ação a derramar-se sobre a humanidade ferida, fazendo do carisma do Rogate uma oração que brota do encontro com Cristo, do encontro com as próprias verdades diante de Deus, do encontro com a humanidade que padece das mesmas misérias que padece a consagrada que, no Instituto fundado por santo Aníbal Maria Di Francia, se entrega ao serviço pelo Reino de Deus.

Nos mais de 500 anos de nascimento de santa Teresa, com todos os estudos em torno de suas obras, podemos afirmar que esse é um pequeno recorte que carece de atenção: o encontro da herança espiritual-carismática de santo Aníbal Maria Di Francia com a herança espiritual de santa Teresa de Jesus. Tomar de ambos os santos alguns aspectos que ajudem a ressignificar a herança espiritual-carismática do Instituto das Filhas do Divino Zelo na Igreja, é algo novo para a teologia e cremos que também para os estudos rogacionistas e teresianos. Alguns autores dedicaram-se a correlacionar a oração contemplativa com a vida apóstolica, porém as bibliografias atuais não apresentam essa correlação feita

⁹³ SANTA TERESA DE JESUS, Castelo Interior ou Moradas, 1,1,7.

especificamente com o recorte a que se propõe nossa pesquisa. Trata-se de um campo ainda não refletido teologicamente e que servirá, não apenas a um Instituto religioso, mas a todos os que quiserem assumir elementos da espiritualidade teresiana como caminho seguro para a experiência pessoal de oração que transforma a vida em espaço permanente de testemunho de Cristo.

Logo a novidade de nossa pesquisa está no encontro entre santo Aníbal Maria Di Francia e santa Teresa de Jesus. Daremos ênfase a espiritualidade e ao carisma de santo Aníbal Maria e a resignificação que sua herança espiritual-carismática pode ter a partir da espiritualidade teresiana para as Filhas do Divino Zelo. Em especial, buscaremos luzes para esta resignificação nos livros doutrinários de santa Teresa: *Livro da Vida, Caminho de Perfeição e Castelo Interior ou Moradas*, assim como perpassaremos suas demais obras.

É do encontro com Cristo, da contemplação de sua vida por meio da oração e do matrimônio espiritual, que a Filha do Divino Zelo compreenderá a necessidade de rezar pelas vocações, de tornar-se oração constante e permanente por esse mandamento dado pelo próprio Senhor, como relata o evangelho e confirma o Magistério ao longo dos tempos. O apostolado será consequência da vida interior, a própria oração de petição pelas vocações será expressão de amor daquela que é amada e, por isso, conduzida pelos interesses do Senhor, o Rogate torna-se expressão da oração-caridade em solidariedade com Cristo e com a humanidade.

Nossa pesquisa foi realizada a partir dos escritos de santo Aníbal Maria e de santa Teresa de Jesus. Para isso, buscamos na Cúria Geral dos Institutos Religiosos dos Padre Rogacionistas e das Filhas do Divino Zelo, em Roma, nos escritos originais de santo Aníbal, materiais referentes ao tema e que até então não vinham sendo utilizados para pesquisas acadêmicas. O acesso a uma rica e vasta bibliografia teresiana se deu na Universidade *Teresianum*, em Roma, que de maneira extraordinária abriu suas portas para que, por três meses pudéssemos realizar a pesquisa e o recolhimento de todo o material bibliográfico. Na pessoa do Padre Salvatore Grecco, Rogacionista, e do Padre Ciro Garcia, Carmelita, reforçamos nosso agradecimento a todo o apoio recebido nesta fase da pesquisa. Além dos escritos dos fundadores, fizemos uso de uma extensa bibliografia em torno de ambos. Quanto a ampla bibliografia sobre santa Teresa, destacamos que pudemos ter acesso às atas dos diversos congressos acontecidos por ocasião dos

500 anos de seu nascimento, o que ajudou-nos na escolha dos tópicos a serem desenvolvidos dentro da pesquisa. Além do material físico tivemos acesso aqueles dos meios digitais, a participação em Congressos e a Simpósios que tratavam da temática, além de conversas com professores e pesquisadores ligados ao tema.

O conteúdo da tese foi desenvolvido em três partes específicas. Na primeira parte, desenvolvida em três capítulos, apresentamos a vida, as obras e a espiritualidade de santo Aníbal Maria, destacando a sua identidade de “pai e sacerdote”, a espiritualidade desenvolvida no contexto do século XIX, onde a ênfase recai sobre a devoção ao Coração de Jesus, a eucaristia e a Virgem Maria. Prosseguimos descortinando sua proximidade à Ordem Carmelita, sua devoção aos santos do Carmelo, em especial à santa Teresa, e seu desejo de assumir para si e para seus Institutos aspectos desta espiritualidade. Por fim, apresentamos o Rogate e sua fundamentação bíblica-espiritual e veremos que a espiritualidade do fundador é a base onde o carisma é plantado e desenvolve suas raízes, tornando-se dom para a Igreja.

Na segunda parte de nossa pesquisa desenvolvemos outros três capítulos que tratam da oração, da Sagrada Humanidade de Cristo e de alguns aspectos da espiritualidade teresiana que mostram a proximidade da espiritualidade e do carisma de santo Aníbal à doutora de Ávila. No último capítulo desta segunda parte apresentamos a eucaristia, a devoção mariana e a oração pelos bons operários, a partir de santa Teresa de Jesus. Buscamos as semelhanças entre os dois místicos fundadores e os fundamentos de seu agir, assim como nos empenhamos em absorver de santa Teresa as novidades que podem favorecer a ressignificação da herança espiritual-carismática no Instituto das Filhas do Divino Zelo.

Desenvolvemos a última parte de nossa pesquisa em dois capítulos. No primeiro apresentamos aspectos do itinerário espiritual e apostólico da Filha do Divino Zelo à luz de santa Teresa, com especial enfoque na Sagrada Humanidade de Cristo como fonte de misericórdia e santificação; em Maria, como Mãe e Discípula, que acompanha no discipulado; e, por fim, na vida eucarística da religiosa que segue na conformação a Cristo e doação à messe. Em nosso último capítulo tratamos da oração-caridade como solidariedade com Deus e com a messe. Destacamos a oração-caridade que, iluminada pela espiritualidade teresiana, traz os frutos da oração constante, da confiança e entrega a Deus que

protagoniza o trato de Amizade levando a religiosa a “andar em verdade” e humildade. Faremos alusão a dinâmica “Marta-Maria-Marta”, num encontro entre a espiritualidade de ambos os fundadores e o quanto isso traz à religiosa a possibilidade de caminhar em busca da santidade, deixando que o apostolado nasça da união com Deus e seja também espaço para a intimidade com o Senhor. Neste capítulo conclusivo, o Rogate vem apresentado como oração e apostolado da Filha do Divino Zelo, como rezar e amar com Cristo, por Cristo e em Cristo, tornando-se fruto do amor e aliança da espiritualidade sponsal.

Por fim, apresentamos a conclusão e as referências bibliográficas utilizadas e consultadas para nossa pesquisa.